

## **A PRÁTICA DO RECREIO ESCOLAR: uma análise histórico-crítica para compreensão da escola moderna**

Dilma Freitas Moura  
Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida  
Rodrigues (e-mail: dilmafreytas@gmail.com)

Samyra Borges de Oliveira  
Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida  
Rodrigues (e-mail: samyraoliveiraa25@gmail.com)

Rosângela Labre de Oliveira  
Orientador(a) do curso de Pedagogia da Faculdade  
Almeida Rodrigues (e-mail: rosangelalabre@hotmail.com)

### **RESUMO**

O presente artigo é um estudo bibliográfico que explana as práticas de controle desenvolvidas dentro da escola. Problematiza o discurso em torno do recreio escolar, seu espaço e tempo, livre ou dirigido. Essas contradições acarretam incertezas e indagações que justificam aprofundar o estudo nessa rotina escolar. Para esclarecer essas questões e fornecer elementos para uma análise sobre o recreio, a pesquisa aborda os dispositivos e rituais da escola e do recreio a partir de concepções tradicionais e libertárias. Para tal estudo, o embasamento teórico foi inspirado no pensador Michel Foucault, que como crítico da instituição escola, vem contribuir para o entendimento da concepção libertária e crítica de Paulo Freire. O estudo está voltado para os fenômenos sociais, utilizando-se de uma abordagem qualitativa, por meio da análise do processo educacional escolar e a rotina do recreio. Em suma, vem evidenciar que as práticas do recreio fazem parte das antigas táticas de controle da instituição escolar.

**Palavras-chave:** Escola. Recreio. Controle. Disciplina. Liberdade.

### **ABSTRACT**

This article is a bibliographic study that explains control practices developed within the school. It questions the discourse about school recess, its space and time, free or directed. These contradictions lead to uncertainties and questions that justify further study in this school routine. In order to clarify these issues and provide elements for an analysis about recesses, the research approaches the devices and rituals of the school and the recess from traditional and libertarian conceptions. For this study, the theoretical basis was inspired by the thinker Michel Foucault who as a critic of the school institution, contributes to the understanding of Paulo Freire's libertarian and critical conception. The study is focused on social phenomena, using a qualitative approach, through the analysis of the school educational process and the recess routine. In short, it shows that the recess practices are part of the old control tactics of the school institution.

**Keywords:** School. Recess. Control. Discipline. Liberty.

## 1 INTRODUÇÃO

O recreio das instituições escolares é desenvolvido de duas formas: como recreio livre ou recreio dirigido. Esse momento da rotina escolar é o mais esperado e preferido pelos alunos. Na maioria das vezes, trata-se do único período em que os alunos podem fazer opções como: com quem conversar, onde e como brincar, de quem se aproximar, entre outras escolhas livres. É o espaço-tempo que os convida a explorar diferentes roteiros e aprender mais sobre relações de grupos. Não é à toa que, para boa parte dos alunos, o recreio é a hora mais desejada. Quem não se lembra do intervalo pelos corredores e pátios da escola? São inesquecíveis também os intervalos perdidos dentro da sala de aula, como castigo, por alguma quebra de regras, ou tarefas por fazer. Enfim, muitas experiências significativas se constroem ou se intensificam nesse período de 15 a 20 minutos.

Quando iniciamos a investigação acerca do recreio escolar deparamos com práticas diversas e contraditórias que exigiram um aprofundamento nas teorias educacionais da escola. Desta forma, sendo o recreio uma rotina escolar, ele segue tendências e concepções, teorias e práticas, que necessitam ser desveladas.

Dois são, portanto, os focos essenciais que estão problematizados: a discussão sobre a escola tradicional e a escola libertária e a prática do recreio livre e do recreio dirigido. Os dois focos demonstram que as práticas educacionais existentes hoje, se apresentam de formas incertas e variáveis. As várias teorias educacionais deixam rastros e incertezas. Os pedagogos se movem nas instituições escolares com o grande desafio de compreender as contradições que ali se apresentam. Norteados por conhecimentos acadêmicos, encontram nas instituições as diversas práticas educacionais, baseadas em teorias conservadoras ou progressistas, experiências e práticas derivadas de contexto cultural.

O presente artigo investiga as práticas de controle e vigilância que ocorrem no espaço escolar utilizando o recreio como exemplo. Para essa análise, fundamenta-se sobre a ótica do pensador e filósofo francês Michel Foucault<sup>1</sup> (2014). O pensador que denuncia as mais variadas formas de controle do sujeito por meio das instituições disciplinares, entre elas, a escola e seus dispositivos de controle do

---

<sup>1</sup> Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo, historiador, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France. Intelectual contemporâneo, conhecido pelas suas críticas às instituições sociais e a relação do poder e o conhecimento.

sujeito neste espaço, como um corpo dócil, que está apto, a ser modificado, dominado, a partir das normas e controle desta instituição.

Utilizamos a proposta de educação libertária de Paulo Freire<sup>2</sup> (2005), como forma de luta e resistências às práticas de opressão e sujeição, assim como outros autores que discutem sobre uma educação que conserva ou uma educação que transforma.

## **2 O RECREIO ESCOLAR NAS PEDAGOGIAS CONSERVADORAS E PROGRESSISTAS**

O recreio escolar faz parte das práticas da escola. Sempre que pensamos em recreio, logo, fazemos uma relação com “escola e práticas pedagógicas”. Pensar as práticas da escola é fundamental, para uma análise das diferenças e/ou semelhanças destas práticas pedagógicas.

A escola é o espaço institucionalizado, responsável pela formação do sujeito enquanto criança. São as tendências pedagógicas institucionalizadas que definem o modelo de escola e de educação de uma sociedade. Um rápido e superficial retrospecto das tendências pedagógicas do Brasil, divididas em dois grandes grupos: as conservadoras e as progressistas, demonstram a influência dessas correntes na constituição da escola e de seus processos educacionais, dentre os quais, enfocaremos o recreio.

### **2.1 As práticas das escolas e suas teorias educacionais**

As tendências pedagógicas conservadoras surgem a partir do século XVI com base religiosa. Foi a base da educação escolar por mais de quatro séculos, mantendo sua influência até hoje. Fortaleceu-se no século XVIII com as ideias do iluminismo e está presente na educação atual. Mourão (2008) diz que a tendência tradicional é considerada no Brasil, a primeira a ser praticada, com seu método engessado, conteúdo repetitivo e mecânico, ensina pela disciplina os primeiros habitantes do Brasil colonizado. Neste modelo de educação, o professor é o centro

---

<sup>2</sup> Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) foi educador, escritor e filósofo pernambucano. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica.

do saber, um controlador, suas aulas são expositivas tendo como objetivo o ensino moral, e a qualificação do sujeito para o mercado de trabalho, ou seja, moldar este para sociedade.

Desse modo, a criança transforma-se numa pessoa alienada, passiva sem voz ativa. Nesta concepção, o educador não cria oportunidade para que o aluno se torne um cidadão crítico, este é visto como um mero ouvinte, muita informação e pouca compreensão. Seu conhecimento é testado por meio da avaliação, onde currículo não é valorizado que leva-o a sentir incapaz perante a sociedade.

A escola na concepção tradicional de educação é vista por professores, diretores, pais e alunos como algo que concretamente possui o saber e somente ela pode transferir esse saber, não considerando a possibilidade de transformação ou mudança de suas práticas conservadoras.

É a concepção clássica de ciência, que concebe a natureza como estável e os resultados da pesquisa científica como verdades, é a que permeia os processos de transmissão de conhecimentos na escola. Mesmo a universidade brasileira fundamenta sua atuação, com muita frequência, em termos de ensino na concepção de transmissão de um conhecimento teórico como se esse conhecimento estivesse pronto e acabado. Um saber a ser transmitido pelo professor, um saber passivamente recebido pelo aluno. Nessa concepção, o conhecimento torna-se quase um objeto concreto, uma mercadoria a ser trocada, repassada, transmitida de um a outro; um objeto que existe independentemente das mãos – ou mentes – em que repousa. Por isso, não sofre transformações nem interage com o sujeito que transmite e o sujeito que aprende (COLLARES et al., 1999, p. 207).

Visto desta forma, o conhecimento transmitido na escola somente necessita que a criança perceba esta transmissão de forma objetiva, racional e neutra. E, em seguida, apresente o conteúdo objeto recebido exatamente igual, pois o seu rendimento será medido através de sua capacidade de devolução sem transformações de caráter individual e criativo. O status de verdade científica do conteúdo transmitido não pode ser alterado. Assim, o conhecimento não é construído nem pelo aluno e nem pelo professor, pois o mesmo já foi produzido antes e lacrado nas formas rígidas e descontextualizadas de conteúdo das disciplinas acadêmicas.

Esse modelo de mente humana enquanto recipiente foi difundido pelo professor de psicologia Edward Lee Thorndike. Suas ideias influenciaram (e ainda fazem) a educação americana (BEATTY, 1998). Cabe à escola moldar o

comportamento para que, de forma mais eficiente, o transmitido possa ser coletado pelo recipiente. Entram em cena as técnicas de ensino baseadas no comportamentalismo que são os pilares da educação tradicional no modelo de fábrica.

Barbosa (2008) ressalta que o que está sendo valorado na escola tradicional é o conhecimento objeto a-histórico, neutro e amorfo que deve ser transmitido do professor para o aluno, e não o conhecimento deglutido, analisado, reinventado, pensado, dialogado, monologado, refletido, testado, duvidado e por isso apropriado por indivíduos. Este processo de deglutição do conhecimento requer habilidades cognitivas que (por algum motivo ainda não esclarecido) parecem estar fora da escola.

Para conseguir se conservar historicamente, a escola tradicional é organizada e pensada como uma instituição que fabrica sujeitos, onde o aluno é um recipiente vazio que se encherá, ou não, durante o processo de escolarização. Freire (2005) conceitua esse modelo de escola como Educação Bancária, onde se estabelece entre professor e aluno, uma relação vertical, onde o professor é o transmissor de conteúdo e o aluno o receptor.

Um outro dispositivo de controle da escola tradicional são as rotinas diárias, que são como rituais institucionalizado. As escolas precisam ter suas programações fixas que serão constituídas de rotinas e rituais. A este respeito, McLaren (1991, p. 29) afirma que:

[...] as escolas servem como ricos repositórios de sistemas rituais; que os rituais representam um papel crucial e inerradicável no conjunto da existência do estudante; e que as dimensões variadas no processo ritualístico são intrínsecas aos eventos e transações da vida institucional e na tessitura da vida da escola.

Com estas afirmações, McLaren (1991) demarca o quanto o funcionamento da escola está assentado sobre rituais, que vão se constituindo, a partir da necessidade humana da existência dos mesmos de forma ordenada, transmitindo um senso de segurança e a ideia de que a realidade dos contextos sociais também obedece a uma ordem ritualizada, que lhe dá contenção.

Este formato de escola tradicional, ainda é tão visível e presente na escola brasileira, sendo foco de críticas contemporâneas.

As tendências pedagógicas progressistas surgem a partir do final da segunda guerra mundial, quando a França e depois toda a Europa iniciou um movimento filosófico-educacional inovador que motiva as teorias progressistas.

De acordo com Santana (2020, s./p.), “este método nasce em contraposição à educação convencional, em fins do século XIX, no continente europeu e nos Estados Unidos. No Brasil este ideário se fixa nos anos 20 e particularmente a partir da década de 30”. Nesta concepção, o professor é o mediador, onde o aluno é o principal foco na construção do aprendizado. O currículo da criança é valorizado e ele é estimulado, instigado a ser um cidadão crítico e reflexivo.

No Brasil, a pedagogia libertária de Freire (2005) é o maior exemplo de uma luta pela escola democrática. Com a proposta de uma educação emancipatória e libertária, Freire vai além dos muros da escola. Com o seu método de alfabetização de adultos que foi colocado em prática em Angicos (RN), em 1963, quando 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias, fora dos muros, das salas e das filas de cadeiras com currículo imposto, demonstra que a educação pode acontecer de maneira livre, dialógica, crítica e consciente.

Em vez do aprendizado mecânico e de letras e palavras descontextualizadas da vida dos educandos, o método freireano propõe partir da realidade dos alunos, do seu universo vocabular e cultural e, principalmente, fora da instituição escola.

Neste sentido, a escola não dá abertura para essa liberdade de escolher o que ensinar. Mantém-se fechada às mudanças e desempenha o papel de manutenção de práticas opressoras e autoritárias.

Em todas essas teorias educacionais, sejam tradicionais ou progressistas, o modelo estrutural da escola muda muito pouco, apesar de algumas diferenças e divergências de conduta, a estrutura física é um dos mecanismos que apenas se reinventa com o mesmo propósito.

É evidente um controle do espaço e do tempo que é explicado pelo pensador francês (FOUCAULT, 2014). No seu livro *Vigiar e Punir*, publicado em 1978. O pensador utiliza do modelo do panoptismo<sup>3</sup> para explicar como a escola moderna criou seus meios de controlar e disciplinar toda uma sociedade.

---

<sup>3</sup> O Panóptico de Betnham era uma torre em forma de anel, construída no centro do pátio circular, contendo janelas modeladas que se abrem a face interna do anel. Onde há um observador com a função de vigiar tudo que acontece em sua volta.

A escola possui uma estrutura de vigilância e punição que atualmente está bem mais aperfeiçoada com suas câmeras de segurança. As pessoas estão sendo observadas e não podem ver o que as controla. O panoptismo é um mecanismo de vigilância constante sobre o indivíduo, onde este é fiscalizado diariamente, em suas atividades habituais, sem que perceba que está sendo observado de forma privada.

Este observador torna-se dominante por estar ao centro deste cenário, o que lhe permite condicionar o comportamento do sujeito através de punições. Foucault (2014, p. 164) faz uma analogia entre o poder disciplinador do século XVIII e XIX que segue na escola moderna até os dias atuais. O aluno deverá apreender o código dos sinais e atender automaticamente a cada um dele.

Feita a oração, o mestre dará uma pancada de sinal, olhando as crianças que quer mandar ler, far-lhe-á um sinal de começar. Para fazer começar o que está lendo, dará uma pancada de sinal [...] Para fazer sinal ao que está lendo, de se corrigir, quando pronunciou mal uma letra, uma sílaba ou uma palavra, dará duas pancadas sucessivamente e em seguida, Se, após se ter corrigido, ele não recomeça na palavra que pronunciou mal, porque leu várias depois dela, o mestre dará três pancadas sucessivamente uma seguida da outra para lhes fazer sinal de recuar de algumas palavras e continuará a fazer esse sinal, até o escolar chegar à sílaba ou à palavra que pronunciou mal.

A escola se utiliza de um sistema de sinais que devem ser seguidos rigorosamente para o controle dos comportamentos. O sinal sonoro de entrada e saída, de permissão para o curto intervalo do recreio, que pode ser retirado, caso o aluno não tenha bom comportamento dentro da sala de aula, em forma de punição. Até as ordens verbais devem funcionar como sinalização:

**Entrem em seus bancos.** À palavra **Entrem**, as crianças colocam com ruído a mão direita sobre a mesa e ao mesmo tempo passam a perna para dentro do banco; às palavras **em seus bancos**, eles passam a outra perna e sentam diante das lousas [...] **Pegar-lousas**, à palavra **pegar**, as crianças levam a mão direita ao barbante que serve para suspender a lousa ao prego que está diante deles, e com a esquerda pegam a **lousa** pelo meio; à palavra **lousas**, eles a soltam e a colocam sobre a mesa (FOUCAULT, 2014, p.164) (grifo do autor).

Ordens verbais que são colocadas como advertência em expressões como: o tempo está acabando, já está quase na hora do recreio, vocês têm tantos minutos para concluir; e dentro de um esquema de normas e ordens a escola se constitui, assim como as outras instituições sociais, como o espaço fechado e autorizado para o disciplinamento e controle que impedirão a liberdade e a desordem:

E esta é a garantia da ordem. Se os detentos são condenados não há perigo de complô, de tentativa de evasão coletiva, projetos de novos crimes para o futuro, más influências recíprocas; se são doentes, não há perigo de contágio; loucos, não há risco de violências recíprocas; crianças, não há “cola”, nem barulho, nem conversa, nem dissipação (FOUCAULT, 2014, p.194).

Para manter a ordem na escola, é preciso dizer quando perguntado, na hora certa, prevalecendo o silêncio de quem recebe o conteúdo, a punição de quem conversar demais e não tem disciplina e a valorização de quem é obediente e reproduz o conhecimento oferecido, recebendo assim a aprovação.

Para Foucault, a escola é uma das instituições que vigia e formata o sujeito com seus métodos e práticas de controle do tempo, do espaço e do corpo. O Estado controla, vigia e pune quem não cumpre as normas, seja aluno ou professor.

Portanto, toda essa estrutura física e todos os seus rituais de controle se estendem aos minutos de liberdade dos alunos dentro da escola: o recreio escolar. A escola moderna discute sobre o aproveitamento pedagógico desse intervalo que a escola oferece para as crianças, descansarem ou cansarem.

## **2.2 O recreio escolar**

O Recreio tem como definição no Minidicionário da Língua Portuguesa, como o local de recrear-se, divertir de forma prazerosa, entende-se como o momento em que as crianças têm para conversar, brincar, correr e interagir (FERREIRA, 1977). No entanto, no Dicionário de Língua Portuguesa, atualizado, o recreio é o intervalo entre aulas num dia escolar, é entretenimento, divertimento e recreação (BASTOS, 2009). Logo conceitua-se, recreação como, ocupação agradável para descanso e recuperação de forças. Deste modo, percebe-se que este momento é fundamental para todos os níveis de ensino, por contribuir para a prática de atividade ágil, criativa e estimulante ao público infantil e juvenil.

No entanto, é necessário fazer uma análise crítica sobre o recreio, considerando que é um ritual da instituição escolar, que possui suas teorias e concepções e que atendem uma determinada sociedade. O recreio escolar é um ritual da escola que tem como dilema a conservação ou mudança de suas práticas, aqui apresentado como: um recreio livre ou um recreio dirigido.



Segundo Winnicott (1975, p. 139), “a experiência criativa começa com o viver criativo, manifestado primeiramente na brincadeira”. Olhar com apreciação o recreio escolar e suas sutilezas, a alegria que flui neste ambiente vivo que é a escola, a riqueza explícita e implícita, suas dificuldades e resoluções têm como significado aprender com a vida cotidiana que pulsa no interior da escola. E o brincar livremente faz parte do processo de formação humana.

De acordo com Oliveira (2018, p. 14), “[...] os recreios escolares são tempo e espaço de fruição, para uns, e recomposição, para outros”. Isso quer dizer que o indivíduo tem o livre arbítrio de ir e vir, sem a intervenção de um adulto, no decorrer das atividades realizadas neste tempo livre. Somado a isto, a criança opta naturalmente por desfrutar desse momento, vivenciando situações que irão ampliar seus conhecimentos culturais.

Essa proposta de recreio livre, no entanto, sempre foi questionada. Observa-se que desde o século XVIII já se tinha uma preocupação com o recreio dirigido. Nesse período, já se preocupavam em controlar o tempo, espaço, métodos, aplicação e elementos a serem usados nesse intervalo. De acordo com Meurer (2018), em sua pesquisa, transcreve relatos do educador Petrich que se aplicava o recreio com duração de 30 minutos, entedia que neste tempo as crianças podiam correr, fazer atividades de gramática e canto, desde que fosse supervisionada. Sob essa premissa, as atividades eram tidas como livres de forma coletiva, mas com propósito de aplicar esta atividade mediada ou dirigida pelo educador. Portanto, não possibilitava o tempo livre, atendendo as vontades e interesse do aluno, mas sim, a interesses da instituição.

Oliveira (2018) afirma ainda, que recreio refere-se a um aprendizado que estimula outros conhecimentos, dando cunho à instituição dispendo-a uma atual empreendedora. No entanto, o recreio é um dispositivo da escola que não foge do ritual e da rotina institucional. A partir da percepção dos rituais de (MCLAREN, 1991), é possível refletir acerca dos mesmos nos contextos sociais. Pensar o significado simbólico que os mesmos carregam, e mediante esta análise, caminhar no sentido de possibilitar construções de novas realidades, ao invés de somente refletir a realidade que está posta, por meio de rituais escolares automatizados, sem possibilidades de análise e de entendimento crítico.

Meurer (2018) diz que o recreio do século XX, tinha como propósito ofertar atividades que lhes fossem essências ao cotidiano, como artesanato, pinturas,

atividades físicas, sendo praticadas em diversos ambientes. É interessante o conceito apresentado, mas há um fato, que sobrepõe a ideia de um tempo livre que valorize o desenvolvimento intelectual do aluno. Mesmo assim, não parece haver razão para essa prática inserida neste momento, sinal de que visava a qualificação do sujeito, enfim, preparando-o para o campo de trabalho e impedindo-o de se tornar uma pessoa livre e reflexiva.

O discurso de oferecer um recreio dirigido é sempre voltado para uma prática monitorada e para o aproveitamento do tempo, da ordem, barulho e controle da indisciplina que pode gerar brigas entre os alunos. No entanto, para alguns autores, a mediação é vista não como um momento livre, mas como uma forma de continuar o controle sobre os alunos. Lembrando que essa prática é rotina na vida dos alunos, já que eles passam horas em sala de aula, sendo orientados e controlados pelo professor, além da vigilância dos pais e ainda tem que desfrutar desse momento sob o olhar de um adulto. Logo, esta forma de oferecer o recreio dirigido, faz parte das concepções tradicionais, que controla e formata o sujeito com um discurso que convence.

São muitas teorias e concepções que defendem que o recreio deve ser um momento livre. Conforme Meurer (2018), em seus estudos, acrescenta a explanação do professor Rocha que discorre que o recreio escolar é fundamental para abolir o cansaço dos alunos, de modo positivo na orientação do ensino intelectual, não se esquecendo da educação moral e cívica.

De acordo com Juliani (2019), é através dos movimentos corporais, das atividades espontâneas, interação com espaço e o simples relacionar com outro, é que se dá o aprendizado. É neste momento que a criança vai expressar, demonstrar suas habilidades, escolhas, ou seja, soltar a imaginação, de modo a revelar o que realmente ela é fora da sala.

Mediante este traçado teórico, pode-se pensar que ele demarca espaços caracterizados de trabalho programado para a criança e se constitui em espaço-tempo de descanso, espaço de liberdade, de não contenção, de desordem na visão do adulto na medida em que se caracteriza pelo movimento livre, pela algazarra, pelo corpo que se expressa de diferentes formas de linguagens (JULIANI, 2019, p. 39).

É válido observar que segundo Juliani (2019, p. 40) “[...] o recreio se transmuta em espaço de aprender a interagir estabelecendo relações um com outro,

mediados pelo brinquedo, pelas brincadeiras que necessitam de diálogo e a cooperação”. Nesta perspectiva, este momento de descontração é muito importante para a formação da criança. Por estas ficarem muito tempo sentadas, concentradas nos estudos, ficam fadigados, impedindo de progredir. Portanto, ela necessita deste descanso mental para recompor sua concentração ao retornar para sala, diminuir o estresse e exaustão, a fim de recuperar sua atenção.

Diante disso, o recreio livre é possibilitado como um espaço necessário para melhorar a atuação no processo educacional dentro da sala de aula. Para Silva (2000), ao longo da infância, ocorre, o desenvolvimento da personalidade e, com o tempo, esta se modifica através da interação ativa com ambiente, sob a influência das condições de vida e de educação com outro.

Neste contexto, é importante proporcionar ao aluno momento agradável desafiador que seja interessante e ao mesmo tempo divertido. Sobretudo, este ambiente deve ser visto como um espaço de aprendizagem ao mesmo tempo de diversão, também é essencial aguçar, estimular e divertir a criança, com o intuito de acompanhar o desenvolvimento social, motor e cognitivo de forma prazerosa e lúdica.

Isso significa atentar para os recreios escolares como um conjunto de atividades e exercícios que se propõem como uma fonte de experiências de aprendizagem, que se efetivam fundamentalmente pela via corporal ou dos sentidos corporais (MEURER, 2018, p. 32).

Nesta perspectiva, o autor acima ressalta que o recreio deve ser visto como um veículo significativo no auxílio do aprendizado dos envolvidos. Porque, no decorrer das atividades, são trabalhados os sentidos corporais de forma individual ou em grupo. Fazer com que a criança tenha a percepção e conhecimento de seu corpo, bem como seu movimento e funcionamento, estes fatores são fundamentais para a expansão do conhecimento corporal. Esse processo de conhecimento do corpo pode-se dar de forma livre, nas brincadeiras e interações próprias dos alunos ou pode ser mediada por um profissional de forma dirigida.

Todo esse discurso sobre o curto período do recreio livre ou dirigido é, para Foucault (2014), dispositivos próprios que a escola moderna disciplinar criou para controlar. Nos séculos XVIII e XIX e, cujo apogeu, ele situa no início do século XX, os dispositivos de vigilância são aperfeiçoados para a formação de corpos dóceis,

disciplinados e inseridos em moldes. A partir dessa proposta, o recreio livre passa a ser pensado como um momento em que o corpo ousa ser livre e indisciplinado, demonstrando gosto pela liberdade.

O recreio passa a ser, para os alunos, o melhor momento dentro da escola, mas, para a escola, um momento de algazarra, barulho e indisciplina. A instituição perde o controle e a capacidade de utilizar e dominar esses corpos no período do intervalo. Diante disso, o recreio livre só será permitido se houver bom comportamento, caso contrário, surge a necessidade de propor um sujeito para dirigir ou inspecionar esse momento.

Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar (FOUCAULT, 2014, p. 138).

Percebe-se o desejo de retirar o recreio livre no intuito de instaurar comunicações e direcionamentos úteis para dominar e sujeitar o controle não somente individual, mas também coletivo. É necessário vigiar, disciplinar para produzir e não causar problema futuro, onde possivelmente será necessário punir. O Estado, que é o órgão que possui o poder, sabe que esse poder não se restringe a ele, todo indivíduo detém poder e se não for controlado e disciplinado pode gerar uma força incontável. Por isso, toda manifestação de quebra de regras dentro da escola, possui uma punição.

Essa punição se distancia do uso excessivo de força, ela é gentil, corretora de comportamentos, deve atuar na prevenção e não na repressão. Por isso, ela é aceita e conservada nas instituições escolares como algo positivo e necessário, como se não houvesse outra forma de educar.

A educação libertária de Freire é baseada na liberdade, fora das normas autoritárias e controladoras da escola. Uma educação dialógica, emancipatória e consciente. Onde todos participam, resolvem os conflitos e fazem uma educação humanizada, capaz de respeitar a liberdade e a autonomia.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das pesquisas bibliográficas, o estudo vem evidenciar que as práticas do recreio fazem parte de antigas táticas da instituição escola. Dessa maneira, a problematização do recreio está inteiramente ligada no tipo de escola, de tendência pedagógica e de sociedade em que estamos inseridos.

De tal modo, a escola moderna e suas tradicionais práticas pedagógicas, são voltadas para a formação de um tipo de sujeito que atende os interesses de uma sociedade capitalista. De forma inconsciente, ainda hoje, algumas práticas de controle do corpo, tempo e espaço são usadas como dispositivos para a formação de um sujeito dócil, construído na relação opressora e autoritária. Os professores dessa escola moderna encontram-se formados nas mais variadas teorias educacionais, em sua própria cultura e nas experiências das instituições que trabalham, inconscientemente, reproduzem, conservam ou aprimoram rotinas de um sistema que dificulta a prática de uma educação libertária.

O recreio escolar foi a rotina escolhida como objeto de estudo porque é o intervalo em que as crianças e jovens podem aprender de forma livre ou com o controle de um adulto. No entanto, a problematização em torno dessa rotina nos levou a uma visão macro sobre a conservação e inovação das práticas escolares.

Diante disso, o artigo buscou compreender como as práticas interferem na formação do sujeito, possibilitando a reflexão sobre ação e a inspiração para oferecer uma educação libertária, pautada nos princípios de autonomia, responsabilidade e conscientização.

Contudo, é preciso compreender que o ambiente escolar possui uma estrutura disciplinar que é aceita por uma parte da sociedade e isso fortalece os discursos que alimentam essas práticas.

Limitar a criança ao recreio como forma de punição, dirigir as atividades que as crianças podem fazer ou não, é uma prática de controle e dominação do tempo, espaço e desejo da criança. Aos olhos dos gestores e professores, o recreio dirigido é uma maneira de manter a escola organizada e evitar conflitos. Mas, para as crianças, esse é o momento livre que ela usa seu desejo e imaginação para ser e fazer o que ela quiser. E, isso favorece vários tipos de aprendizagem.

É importante que o pedagogo compreenda e valorize as práticas pedagógicas realizadas dentro da escola, pautado numa pedagogia libertária, que ofereça uma educação crítica, emancipatória e consciente, sem a necessidade de controlar e punir para formar cidadãos de bem.

Assim, tomando como base os estudos foucaultiano e freiriano de análise da modernidade, a escola é uma instituição de uma rede interligada de poder disciplinar que serve a uma sociedade que controla. Dessa forma, o recreio ou qualquer rotina escolar, que sirva de inspiração para a liberdade, é combatido ou reformulado nos discursos de ordem e segurança. A pedagogia libertária não encontra espaço dentro da escola e dos seus dispositivos de controle. Segundo Freire (2005, p. 37) “a liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem há faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não há tem”.

Dessa forma, o recreio continua sendo o espaço, dentro das instituições escolares, em que há resistência ao controle do corpo, da alma e dos comportamentos. É lá que soam as melhores risadas e os maiores confrontos. Ainda é o mais curto espaço de aprendizagem da escola, onde o princípio da liberdade, em comunhão, aproxima o sujeito do seu eu.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Heloiza H. Sentido de número na infância: uma interconexão dinâmica entre conceitos e procedimentos. **Revista Paideia**, Ribeirão Preto, v. 17, p. 8-17, 2008.

BASTOS, Ronaldo da Silva. **Dicionário de língua portuguesa**: atualizado conforme acordo ortográfico da língua portuguesa. Blumenau: Starke Design Editora, 2009.

BEATTY, Barbara. Repensando o papel histórico da psicologia na reforma educacional. In: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Org.). **O manual de educação e desenvolvimento humano**. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998. p. 100-116.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso; GERALDI, João Wanderley. Educação Continuada: a política da descontinuidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 68, dez. 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo minidicionário da língua portuguesa**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1977.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JULIANI, Moacir. **As crianças e o seu recreio escolar: um estudo etnográfico sobre a ludicidade na terceira infância**. 2019. 189f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT.

MCLAREN, Peter. **Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. Tradução de: Juracy C. Marques, Ângela M. B. Biaggio. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MEURER, Sidmar dos Santos. **A invenção do recreio escolar: uma história de escolaridade no estado do Paraná (1901-1924)**. Curitiba: Appris, 2018.

MOURÃO, Helder. **A pedagogia tradicional ontem e hoje**. Um olhar sobre a pedagogia tradicional, no seu início e nos dias atuais, ([2008?]). Disponível em: <<https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/educacao/a-pedagogia-tradicional-ontem- hoje.htm>>. Acesso em: 20 maio 2020.

OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborada de. A invenção do recreio escolar: uma história da escolarização no estado do Paraná (1901-1924). In: MEURER, Sidmar dos Santos. **A invenção do recreio escolar: uma história de escolaridade no estado do Paraná (1901-1924)**. Curitiba: Appris, 2018. p. 14-18.

SANTANA, Lucia. Educação: **Método renovado**. 2020. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/pedagogia/educacao-metodo-renovado/>>. Acesso em: 20 maio 2020.

SILVA, Fabrine Leonard. **Cultura escolar, infância e ludicidade: um olhar para o Recreio**. 2000. 19f. Trabalho Integrado (Curso de Especialização em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Coleção Psicologia Psicanalista).